

## Entrevista com Paulo Cesar Sandler<sup>1</sup>

*Cláudia Aparecida Carneiro e Carlos de Almeida Vieira<sup>2</sup>  
com colaboração de Carlos Cesar Marques Frausino<sup>3</sup>*

Esta entrevista foi concedida pelo psicanalista Paulo Cesar Sandler em novembro de 2013 e parcialmente publicada no Jornal Associação Livre (Ano II, Edição III, dezembro de 2013), da Sociedade de Psicanálise de Brasília, sob o título “O homem como ele é”. Aqui, *Alter* apresenta a íntegra da entrevista. Agradecemos a disponibilidade imensurável de Paulo Cesar Sandler em nos revelar, nesta conversa, o homem, filho, neto, marido e pai, o psicanalista e médico psiquiatra, o tradutor de Bion, o pensador, o escritor e jornalista, o amigo, tal como ele é. De início, convidamos Paulo a falar de sua formação e o que o conduziu ao campo da psicanálise e além dela, produzindo vasta obra como os sete volumes de *A apreensão da realidade psíquica*. Tal como ele é, responde-nos permeando um fascinante relato das origens de sua família e de sua infância com reflexões, a seu estilo, sobre o tempo, leitura, elites, guerra, verdade, amor. Enfim, formação analítica, relação com Bion, Virgínia Bicudo, sua obra, e mais. Sugerimos que o leitor, citando Sandler, “se entregue” à leitura!

**Paulo Cesar Sandler:** Agradeço pela oportunidade e espero que minhas respostas possam ser úteis a alguém... pois tenho um tipo de receio, meio parecido com aquele descrito nas “aventuras” de um personagem imaginário, “Asterix, o gaulês”, criado por uma dupla de cartunistas franceses, Uderzo e Goscinny. Asterix e seu pequeno grupo imaginário de “gauleses indômitos” mais temiam era que o céu caísse sobre sua(s) cabeça(s).

---

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

2 Cláudia Carneiro - Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB).

Carlos Almeida Vieira - Membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB), membro titular da Sociedade de Psicanálise do Recife (SPR) e com funções didáticas no Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA).

3 Carlos Cesar Marques Frausino - Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Brasília e Editor da *Alter*.

## TEMPO

### *temo que meu trabalho resulte em perda de tempo para pacientes e leitores*

Parafraseando esta história em quadrinhos: o que mais temo é que meu trabalho resulte em perda de tempo para eventuais pacientes e leitores.

Tempo: único bem não renovável, quase insustentável por imaterialidade, embora eterno enquanto dure, em eterna combustão, onde o comburentes somos nós mesmos. Por trabalho, entendo o que tentei e ainda tento fazer em casa; no consultório, há 40 nos; no Instituto de Psicanálise da SBPSP, há 15 anos; e há dois anos, no Hospital de Reabilitação Física da Faculdade de Medicina da USP. E nas minhas tentativas em compartilhar algo desses trabalhos, através da escrita.

Creio que adquirir este temor depois de trabalhar no hospital psiquiátrico dirigido pelo Dr. Mario Yahn. Admitia jovens estudantes em seu hospital; observando seu enorme entusiasmo pela psicanálise e ausência de espírito crítico relativo ao que achavam que era psicanálise, alertou: “Vocês vão ficar três, quatro anos com os pacientes e depois vão descobrir que os fizeram perder seu tempo”. Coincidiu com o fato de ter ouvido anedotas na escola médica: “Neuróticos erigem castelos no ar; psicóticos habitam neles; psiquiatras cobram o aluguel”. Ou, “cirurgião é uma pessoa acordada que trata de uma pessoa dormindo; anestesista é uma pessoa semi-dormindo que trata de uma pessoa dormindo; psicanalista é uma pessoa dormindo tratando de uma pessoa acordada”. Liguei tudo isso para construir meu temor: não queria saber de nada com uma psiquiatria e uma psicanálise desse tipo. Muito tempo depois, percebi que a última anedota, caso pudesse ser modificada, substituindo “sono” por “sonho”, continha uma verdade sobre conteúdos manifestos e latentes e a capacidade do analista de poder sonhar, mas, do modo que estava, compôs meu temor, emulado do ensinamento de um dos primeiros analistas no Brasil.

Temor persistente. Aqui e agora... o espaço-tempo das associações livres. Uma das essências de psicanálise, nutrida pela percepção sobre a irreversibilidade e “irrenovabilidade” do tempo, delineada por Freud várias vezes. Entendo que um psicanalista não pode ser “grileiro” das fugas fantásticas imaginárias no passado, nem no futuro dos nossos pacientes.

Analogamente àquela paciência necessária para submeter-se a uma psicanálise, diz-se que, para se tentar escrever, paciência é necessária. Pelo menos [que seja] idêntica à dos leitores. Daí, o nome “paciente”. Igualmente se poderia chamar analistas de pacientes. Penso que a psicanálise é filha da medicina; alguns filhos ultrapassam os pais; sua possibilidade de maior alcance parece-me residir na demanda de que todo psicanalista sempre seja paciente! Dificilmente, iria se requerer que todo médico sofresse as doenças de seus pacientes, o que, em um caso extremo, exterminaria a atividade médica. Em psicanálise, parte-se do princípio empiricamente verificável de

que a neurose e a psicose são universais: democráticas, poderíamos dizer. Por outro lado, médicos que sofrem de doenças, caso sobrevivam, costumam dizer que saíram da experiência sendo “mais médicos”; que, “agora, compreendem o que os pacientes lhes diziam”. Então, uso a palavra “paciente” em seu duplo sentido. Até o ponto que pude investigar, paciente é um daqueles poucos nomes que permanecem adequados à sua origem etimológica funcional<sup>4</sup>.

## **PRAZER-REALIDADE**

### ***entrega à leitura difere de subserviência às leituras***

Entregas à leitura solicita considerável paciência de eventuais leitores. Entrega pode parecer uma palavra inadequada, mas, como alguns termos em português, seu campo semântico admite muitas interpretações, ou seja, cabe muita coisa, atos e eventos que podem ser descritos por essa palavra. Posso fazer uma analogia de *Entrega* com o termo *Hábito* ou adicção. Cabem neles muitos atos e eventos, em amplo espectro - indo da utilidade (como hábitos de higiene) até à inutilidade (como uso indiscriminado e extemporâneo de drogas psicotrópicas, luz solar ou álcool). Vou aplicar o mesmo espectro para *Entrega*: creio que os atos e eventos úteis implicam entrega, sob o princípio da realidade. Os inúteis, em sua maioria, implicam subserviência ao princípio do prazer-desprazer. Para mim, subserviência difere de entrega em muitos aspectos; sendo o primeiro, a falta de liberdade na subserviência (ou submissão), que pode ser feita em casos extremos de ameaça à sobrevivência, e o segundo, a presença predominante de responsabilidade pessoal e reconhecimento de necessidade. Para muitos, entrega à leitura corresponde a reconhecer uma necessidade. Enfatizo ainda outra discriminação: “Entrega à leitura” difere, como água de óleo, de “subserviência às leituras”.

Com isto, tento acrescentar um fator prevalente no nosso momento histórico, chamado pós-modernismo. Existem leitores subservientes ao desejo, ao princípio do prazer-desprazer, e leitores submissos ao princípio da realidade. Os primeiros fazem “leituras”. Os últimos tentam alcançar “leitura”. Não se limitam a “leituras individuais”, bandeira do pós-modernismo, que nega a detecção de invariâncias transcendentais, mas que legalizam a verdade absoluta, que se transforma em “propriedade do leitor”. Os leitores minimamente pacientes a que me refiro não são estes. São aqueles que, como observou John Ruskin, não procuram provar seus próprios significados com pedaços escolhidos do texto, nem encontrar seus próprios sentidos já bem conhecidos, no texto. São aqueles aos quais Robert Browning também se referiu, os que não procuram textos como “*substitutos do charuto para o homem desocupado*”. Há leitores que consideram que o livro é “só dele”, e que “só ele, unicamente, consegue ler o livro, na sua interpretação”. O mesmo ocorre

4 Creio que alguma leitura atenta das obras de arqueologia filológica de Giambattista, Vico e Friedrich Nietzsche pode formar uma contribuição minimamente boa para a delimitação da área que pretendo descrever neste momento.

com autores – Bion escreveu em *Uma Memória do Futuro* que a pessoa que tiver seu nome impresso na lombada do livro, como autor, pode achar que o livro é “dela”. Quando o artesanato de encadernações gravadas sobre o couro eram apreciadas, muitos leitores colocavam seu próprio nome sobre os livros, além do título e do autor.

O caminho que um escrito toma na mente dos leitores é desconhecido. Para uso absolutamente privado – caso de estados delirantes e masturbatórios, por exemplo – pode ser ao bel-prazer do leitor, que vira autor de uma obra que não é sua. Para uso público – Bion alertou em *Cogitações* que uma obra científica precisa ser publicada, ou, no seu linguajar prudentemente hifenado, submetida a uma pública-ção. Acho que pode se acrescentar que uma obra artística também precisa ser publicada. Nesses dois casos, creio que há uma necessidade absoluta: reconhecimento de transcendências – “pensamento sem pensador” – é algo possível tanto para autores como leitores, que se reconhecerão sem nunca terem se conhecido pessoalmente.

Pode ser que minha referência sobre histórias em quadrinhos – um gênero de artesanato literário geralmente considerado “inferior” pela *intelligentsia*, como a literatura policial – soe estranha. Ou deslocada; ou extemporânea. Ou não, se for considerada como um tipo de mito pessoal meu que expressa duas capacidades: liberdade e receio.

Já que estou tentando falar em tentativas de não se envolver em perdas de tempo - muito diferente de “se ganhar tempo”, perspectiva que me parece submissa ao ciclo de avidez-inveja, talvez seja útil examinar alguns modos que me parecem ser perda de tempo.

## **ELITES**

### ***foi neste leito concreto que se forjou a denominação fantasiosa de esquerda e direita***

Creio que conflitos guerreiros – onde a primeira vítima é a verdade, e a segunda vítima é todo mundo envolvido na guerra – expressam inestimável, infinita perda de tempo no finito cruento e bestial que determinam.

Exemplo notavelmente persistente, ainda em evolução, e marcado, como toda guerra, por involuções, parece ter ocorrido desde os pródromos da assim chamada Revolução Francesa.

Emergiu um grupo onde a vinculação entre os integrantes se fez por aquilo que Durkheim chamou, dois séculos depois, de solidariedade mecânica. Autodenominado “esquerda”, acreditava-se crítico de uma desigualdade social, apregoando liberdade, fraternidade e igualdade. Apregoar, como demonstra a psicanálise, pode expressar resistência a efetuar, e fala-se o contrário do que se faz; para muitos, apenas falar equivale, em alucinação, a fazer. Demasiadamente humano, cedo, muito cedo, reeditou a

nova elite ‘inegalitária’, qualitativa, mas não quantitativamente diversa da elite anterior, a qual chamava-se “nobre”, por julgar-se superior a tudo e a todos, única e eterna, e nem se preocupou em criar novo nome; arrastada pela oposição guerreira, acabou sendo intitulada “direita”, já que nunca iria se misturar com o que considerava ser “gentinha”. Elites mantêm esse hábito guerreiro: especialistas em clivagens cada vez mais diminutas, seu intuito final é a propriedade da verdade única e absoluta, chamada na matemática de postulado e na sociologia, de ideologia. Coisa que não admite senso crítico. Elites que criaram suas *intelligentsias*, antes mesmo de se inventar este nome, para qualificar parcela ainda mais rarefeita deste grupo autoelitizado já rarefeito - aquela parte que se crê altamente pensante. Imaginam-se *crème de la crème* destas mesmas elites. Diferentes na aparência externa – Freud denominou-a “conteúdo manifesto” –, mantêm, de modo desconhecido para si mesmas, a mesma invariância, subjacente às aparências externas. Estes dois partidos aparentemente opostos, em disputa pelo lado do rei – pois foi neste leito concreto que se forjou a denominação fantasiosa de “esquerda” e “direita” – em compulsivo, eterno retorno a ataques visando à extinção do indivíduo: outra invariância que subjaz as formas externas diversas. Ambos partidos se veem a si mesmos e se apresentam como defensores maiores dos “direitos individuais”, sempre terminam desrespeitando-os, até à extinção.

Psicanálise demonstra que manifestações abertas de “amor” encerram “ódio” em igual proporção; aquilo que permanece inconsciente assume o timão, prevalece.

Ambas *intelligentsias* consideraram a criação de Uderzo e Goscinny como sendo representante “do outro lado”. Ambas muniram-se de argumentos racionais, postura mental que Freud chamou de “racionalização”; Bion, ancorado em Freud, Hume e Kant, demonstrou que toda lógica é psicológica. As considerações racionalizadoras da “esquerda” e da “direita” sobre *Asterix* usualmente alcançam o (ou degeneram para) domínio de acusações, tanto positivas (por exaltações), como negativas (por imprecisões). Os que se sentem “esquerda” acusam *Asterix* de revolucionário, anti-capitalista, antinazista e/ou antiamericano, nacionalista, reacionário, fascista, gaullista ou precursor de Le Pen. Os que se sentem “direita” acusam-no de revolucionário, anticapitalista, antinazista e/ou antiamericano, nacionalista, realista, representação moderna de De Gaulle. Acusações estas algo estremecidas após a inauguração de um parque de diversões *Asterix* inspirado em *Disneyworld*.

## GUERRAS

### *dentre elas, as fratricidas parecem ser as mais exterminantes*

Acusações – conteúdo manifesto – trocam de lugar; sua invariância subjacente, ou seja, o fato de serem acusações, permanece. Como observou Whitehead, guerras, como a levada a cabo entre Galileu e a Inquisição, ocorrem quando pessoas ou grupos têm a mesma opinião falsa, sob formas diferentes, e ficam inconscientes a respeito da falsidade de sua opinião e de que a diferença é apenas formal. A Inquisição afirmava que o centro do Universo era a Terra; Galileu, que era o Sol. Os dois recaíram na mentira: o Universo não tem centro. Esta observação foi trazida aos psicanalistas por Money-Kyrle.

O “nacionalismo” atribuível a estes gauleses imaginários é metáfora cultural sobre a possibilidade – também obstáculos – para expressão e usufruto de liberdade individual; para que as pessoas possam tornar-se elas mesmas, em ambientes que combinam tanto nutrientes, como sérias hostilidades à tal liberdade individual. Se as segundas são mais numerosas do que as primeiras, é algo que cada pessoa ou povo pode apreciar por si mesmo. Liberdade que pode ser obtida apenas às custas da não subserviência ao princípio do prazer-desprazer – como demonstrou Freud, precisando de pelo menos quatro décadas para perceber isso. Princípio gerador, como demonstrou Klein, do ciclo autodestrutivo de avidez-inveja, já delineado poeticamente por místicos, profetas e literatos como Shakespeare, Goethe, Diderot, entre tantos outros.

Dentre as guerras, as fratricidas parecem ser as mais exterminantes. Mais conhecidas, hoje em dia, pelo nome de “dissidências”, em associações ou clubes (esportivos, científicos, artísticos). Uma delas pode ser vista no movimento que se iniciou, historicamente, com as descobertas de Freud, chamado por ele de “movimento psicanalítico”.

Esta guerra ainda mais inconsequente do que as guerras reais, as de pilhagem com armas de fogo ou biológicas, ocorrem, do ponto de vista da psicologia profunda, como se dizia na época de Freud, por efeito de fantasias de superioridade: quando uma “expansão” – como a contribuição de Bion sobre a obra de Freud e de Klein, ou a de Klein e Winnicott sobre a obra de Freud – é utilizada como “substituição do melhor”, que tenta extinguir o “pior”. Sendo “o pior”, a obra anterior. Em muitos países, “o pior” tem sido Freud – que, para uma legião, talvez crescente, sequer psicanalista foi. Alguns institutos recomendam que não se leia a obra dele – como o fez a Igreja Católica, Judaica, Stalinista e Nazista na época em que ele estava vivo!

Cedo, muito cedo – especialmente após a morte de Freud –, os clubes ou associações de psicanalistas (ou pretendentes a serem) submergiram em “-anos” e “-istas”, os entronizadores de ídolos. Cada um, sentindo-se superior a todos os outros: freudianos, adlerianos, junguianos, kleinianos, winnicottianos, lacanianos, bionianos, kohutianos, rogerianos, morenianos, heideggerianos...*ad infinitum*. Ídolos devidamente

falecidos – nunca poderão resmungar, se revoltar ou desaprovar a ‘idolização’ efetuada pelas elites apostólicas. Repetem compulsivamente (de modo consciente, como técnica de arregimentação política, ou não; no movimento psicanalítico, por falhas na análise pessoal, dita “didática”) o eterno retorno compulsivo, e por isto servil, ao princípio do prazer-desprazer.

Com tudo isso, estou tentando responder à pergunta feita pela Cláudia e pelo Carlos, com algo que, gostaria, fosse consistente, sobre minha formação psicanalítica. Indivisível da formação que me foi dada pela oportunidade de receber vida, muito antes do que eu possa me recordar. E que, creio, influenciou-me, ou tornou necessidade imperiosa que eu, décadas depois, tentasse escrever a série sobre *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Por que você escreveu isso? Não sei. Afinal, alguns deixaram subentendido: por que você perpetró isso?

## **ORIGEM**

### ***alguns chegaram à Áustria, onde o nome Sandler indica um andarilho, aquele que veste sandálias***

Venho de uma família de migrantes originária de uma região que nunca foi estado político: Bessarábia, uma região do tamanho de Alagoas - creio que esta associação veio porque estou pensando no Carlos Vieira à medida que vou respondendo. Entre o Rio Danúbio e o Rio Dniester, compreende parte do que se chamava Valáquia, um corredor multiétnico que abrigou muitos invasores: sármatas, cimerianos, celtas, romanos, gregos, godos, ostrogodos, rumenos, poloneses, magiares e turcos. Alguns deles, dominados pelo Império Otomano, chegaram à Áustria, onde o nome Sandler indica um andarilho, aquele que veste sandálias.

Meu Avô materno, Salomão, nasceu em aldeia primitiva e segregada, incendiada várias vezes, chamada Iedenitza (ou Yedenetz), naquilo que, então, se chamava Rússia. Comercializava cavalos. Aquele que um dia seria meu Avô paterno, Luiz, nascido em uma cidade maior, Bar, colocava ferraduras nas patas desses mesmos cavalos – o que selou sua amizade na adolescência: Luiz era primo-irmão da esposa de Salomão, Sara.

Farto de violências sociais e assassinio institucionalizado, instrumentado por miséria econômica e preconceito – o último pogrom havia sido em 1903 –, Salomão achou que poderia vir para um lugar em que pessoas dispostas a trabalhar seriam livres... Deixou sua família – a esposa, Sara, e dois menininhos – “no Rússia”. Salomão aportou em Santos em 1909, logo “subindo” para São Paulo.

Enquanto Salomão, meu futuro Avô materno, “ganhava a vida” no Brasil, Luiz, meu futuro Avô paterno, foi convocado pelo exército czarista. Aos 20 anos, foi servir no front oriental. Até seu falecimento, não conseguiria mais dormir em paz. De olhos entreabertos, sonhava com companheiros mortos na trincheira, onde “nada de novo (a não ser morticínio) ocorria”, conforme dizia um livro que seu filho levou para casa 20 anos depois. Desmobilizado bruscamente em função da vitória da revolução comunista, descobriu que sua casa havia desaparecido e que a prima Sara havia perdido os filhos.

O que era o azar de um, podia ser transformado em sorte do outro. Bion, que também lutara nesta mesma guerra, em outro front, chamou isso de “transformações”. O ferreiro Luiz acabou sendo o maior responsável para que os planos do comerciante Salomão pudessem ser, finalmente, bem-sucedidos. Sua formação militar inopinada permitiu-o encaminhar sua prima-irmã Sara ao Brasil. Em janeiro de 1919, Sara reencontrou Salomão, depois de uma espera mútua de dez anos.

Luiz – depois de encaminhar pelo menos vinte primos e três irmãs por várias fronteiras –enfrentava problemas insolúveis em Iedenitza. Sua numerosa família não queria sequer pensar em vir para um país onde, ouviram falar, havia cobras e índios nas ruas. Uma irmã e dois irmãos migraram para a França e experimentaram incomparável desenvolvimento financeiro. Três irmãos foram para “não sei mais aonde: África, América, talvez Canadá”. Luiz foi o único que resolveu vir para onde a prima e o amigo já estavam.

Meus avós foram totalmente gratos ao país que os acolheu e lhes deu oportunidade de sobrevivência digna, até sua morte. Fizeram questão de “esquecer o passado” e insistiam em só falar português, “meio macarrônico”, como eles diziam entre sorrisos e uma certa vergonha. Salomão e Sara, apesar da severa perda, tiveram três filhas no Brasil; Luiz e Rosa, um casal. Toda a educação dessas cinco crianças, que cresceram juntas, foi feita em colégios brasileiros. Meu Avô paterno conheceu alguma fartura financeira e era amigo de muitos migrantes que ficaram famosos, pelo fato de ter fundado algumas instituições. Sempre que aparecia outro migrante russo, oferecia um pacote de roupas usadas, para que iniciassem seu trabalho, sem cobrar nada por isso. Muitos anos depois, conheci pessoas que foram ajudadas por ele dessa forma. Entre essas pessoas, vários primos de sua irmã, que perdera o marido, e que também vieram com suas esposas por intermédio das artes e manhas do antigo ferreiro Luiz. Eles moraram em sua casa por um bom tempo. Um dos sobrinhos de Salomão, depois jornalista muito famoso, principalmente no segundo governo Vargas, começou a se alfabetizar quando morava por lá. Salomão, analfabeto, colocava isso como condição de ajuda: um tipo de bolsa-família ancestral sem intenções políticas.

## **O PAI**

### ***Luiz o chamou de Jayme, o que, no dialeto iídiche, simbolizava 'vida'***

O filho mais velho de Luiz, meu futuro Pai, nasceu em 1920. Luiz o chamou de Jayme, o que, no dialeto iídiche (no caso, mistura de alemão com palavras ucranianas) falado por Luiz, simbolizava “vida”. Luiz e Jayme mantiveram contato epistolar esporádico com os poucos irmãos e sobrinhos, agora franceses, até a década de 30.

Se eram poucos, minguiaram muito. Em 1946, Jayme descobriu que quase todos, menos dois, foram parar em Auschwitz. Os primos que ficaram na região do Dniester desapareceram naquele corredor bombardeado e incendiado, que sacrificou pelo menos 10 milhões de almas, nas idas e vindas dos exércitos russo e nazista. Cresci sabendo que éramos os únicos Sandler em São Paulo.

Fez parte de minha formação o fato meramente casual de provir desta família de migrantes, cujo comportamento incluía, acima de tudo, ajuda mútua.

Tive casa e comida, coisa que faltou a meus avós e a meu Pai, no final de sua adolescência. A despeito das condições financeiras, meu Pai formou-se em medicina, no Rio de Janeiro. Para não passar fome, alistou-se no corpo de oficiais da reserva. Convocado para a campanha da FEB na Itália, foi parar no hospital antes disso, ferido à bala de fuzil em exercícios de guerra. Ginecologista, especializou-se em fertilização. Algo que o fez retornar a um interesse de seus tempos de estudante: psicanálise. Sete anos depois (1952), iniciou formação analítica na primeira turma de psicanalistas de São Paulo formados sob critérios de uma IPA ...hum...ainda criteriosa.

Meu Pai mostrou-me que medicina, Freud, Shakespeare, Goethe, Beethoven e a língua inglesa existiam. A não ser medicina, aprendeu tudo isto por ele mesmo. Depois, descobri que um certo autodidatismo é necessário para qualquer atividade prática. Dele depende o “olho clínico”. Papai gostava tanto de medicina que fez uma promessa a si mesmo: daria para seu filho o nome de um professor que o ajudou. “Dr. Paulo Cesar de Andrade”, nome que hoje decora uma rua no Jardim Botânico.

## **PRECONCEITO**

### ***aos 6 anos, ouvi falar de uns tais 'judeus que nasciam com chifrinhos' na própria testa***

Minha formação inclui contatos com aquilo que, depois, aprendi ser “preconceito”, forma maior que assume a mentira. Aos 6 anos, na escola primária, ouvi falar de uns tais de “judeus que nasciam com chifrinhos” na própria testa. Fui perguntar o que era isso para minha mãe, que contou a meu Pai e deu o maior forrobodó na escolinha. A partir daí, meu Pai passou a comemorar apenas uma data religiosa: reunia os primos e

contava a história de um tal de Moisés, que, além de governar as ondas de um mar, era uma pessoa que não recebia ordens de ninguém, “nem mesmo do faraó”.

Aos 9 anos, enfiei uma ideia na cabeça que, depois, descobri como teimosa e medrosa: preferia que ele [meu Pai] não mais pagasse meus estudos. Resolvi entrar em um colégio de Estado. Pode ter sido alguma intuição ou terror infantil edipiano: pensava continuamente, de modo aterrorizado, que meu Pai poderia falecer cedo e que eu precisaria “me virar”.

Dois anos depois, Papai “caiu doente”, como dizia minha mãe. Uma raríssima infecção extraintestinal, plena de complicações. Foi operado de urgência por um amigo, David Rosemberg. A documentação da cirurgia virou caso de revista técnica e nutriu uma tese de doutorado. A não ser por esse temor, creio que tive uma infância feliz. Sete anos depois, a sorte sorriu de novo e entrei em universidade pública, nos tempos em que estas eram consideradas muito boas. Sobre ele falecer cedo, isso ocorreu, mas, por sorte, ainda demorou 18 anos depois dessa cirurgia!

## **A VERDADE**

### ***perplexo, perguntei: ‘mamãe, por que estou sofrendo tanto?’***

Sobre meu primeiro amigo, meu Pai, acrescento que jamais tive o indômito espírito pioneiro e a capacidade amorosa que o caracterizou; nem a de meu Avô, um tipo de faz-tudo e conserta-tudo. Acho que eles amavam o que faziam. Muito tempo depois, descobri que amavam o que era verdadeiro. Um dia, meu Pai me falou: “As crianças não mentem, a não ser que as ensinem; e algumas, nunca aprendem!”. Acho que as comparava com adultos. Aos 4 anos, tive minhas amígdalas arrancadas, cirurgia da moda; quando consegui falar, perplexo, perguntei: “Mamãe, por que estou sofrendo tanto?”. Fiquei muito interessado na anestesia e achei que o médico, Dr. Medicis, era um grande amigo.

Nunca pensei realmente em fazer nada que não fosse medicina, mesmo que não soubesse patavina do que seria isso. Contribuí bastante o fato de que um de meus primos, Eduardo Berger, entrou na mesma faculdade que eu sonhava entrar. Com ele, aprendi a maior parte da pequena medicina que fiz depois. Devo a este primo o fato de ainda estar vivo – ele diagnosticou meu primeiro câncer e operou-me de uma apendicite supurada... aos 60 anos! Procurado por toda a família, ainda operou minha mãe, uma tia e sua própria filha.

## O HUMANO

### *para cada Freud, temos pelo menos um Stalin*

A formação médica que recebi limitou excessivamente o acesso a informações de cunho histórico e filosófico. Nos anos 80, descobri a origem do termo “humano”, através do meu melhor guia para estudos humanísticos: uma obra de Bion, *Uma Memória do Futuro*, onde existem duas referências à obra de Vico. Procurando a fonte, soube que o termo “humano” provém de “húmus”, a matéria putrefata misturada com terra que envolve cadáveres. Humano quer dizer: aquele que vira cadáver, aquele que morre.

Ou seja, todo mundo.

Antigas *intelligentsias* acharam-se pináculos do desenvolvimento; autodenominaram-se “homo sapiens”. Vou parafrasear uma parte do discurso de um ex-prefeito de Hamburgo casado com uma psicanalista, Von Dohnany. Na cerimônia de abertura do primeiro Congresso de Psicanálise (1986) em solo alemão no pós-guerra, disse que: “nós, alemães” sempre falamos “nosso Freud, nosso Bach, nosso Einstein” e que “precisamos então dizer, nosso Hitler”. Minha paráfrase de natureza biológica, e não apenas étnica para nós, é que somos “homo sapiens e não sapiens”: “para cada Freud, temos pelo menos um Stalin”.

Muitos daqueles que se convenceram de que somos apenas “sapiens” brandem o argumento de que conseguimos nomear tudo: coisas, pessoas, eventos. Nomeamos coisas as quais não temos a menor ideia do que sejam. Nomeamos coisas antes que as conheçamos – por exemplo, o nome de nossos filhos, e, por conseguinte, já que todo mundo é filho, nossos nomes. Hoje, penso que essa é uma das manifestações mais insuspeitas do preconceito. Mais do que isso, parece-me fator originário do preconceito. Nomeamos, inclusive, coisas que não existem. Também nomeamos coisas que podem vir a existir, sem ainda poder saber se, um dia, serão conhecidas ou existirão – o que diminui a chance dessas coisas poderem ser melhor nomeadas, ou seja, que correspondam a algo que existe na realidade. Um bom exemplo disso é a palavra humano!

Esta capacidade desenfreada de nomear também resulta em que sempre aparece alguém dizendo que um determinado “aquilo” não é “aquilo” que disseram que era. Um exemplo simples para nós, integrantes do movimento psicanalítico, é a palavra “transferência”. Muitos disseram e continuam dizendo que transferência não é o que Freud – que, afinal, emprestou o termo, pela primeira vez, de algumas teorias biológicas e físicas – observou que era. Isso perturba excessivamente tanto a criação como a manutenção de conceitos amplamente utilizáveis. Principalmente em disciplinas novas e que lidam com fenômenos imateriais, como a psicanálise.

## **AMOR**

***como verdade, ou existe, ou não existe. Há coisas que admitem gradações; outras, não***

Em minha experiência, aquilo se chama de “morte” equaliza-se a Nada. Não se trata de “O Nada”, coisa de filósofos. Esta experiência é influenciada por dois fatores: (i) a prática médica; e (ii) de ter sido submetido à vivência de ver, sentir e sofrer o fato de que vários amigos e parentes, não mais do que de repente, ficaram mortos.

No polo oposto ao Nada, ou morte: pró-criação, que inclui algumas duplas paradoxais: cuidado e falta de cuidado; ajuda mútua e ausência de ajuda mútua. Acredito que a experiência da guerra – na qual a medicina e a psicanálise sempre encontram oportunidades de desenvolvimento acelerado – e a experiência da maternidade, coisa que nunca tive e nunca poderei ter, apesar de ter podido usufruir minimamente da oportunidade de contribuir e participar, oferecem tudo o que uma formação médica também oferece. Com isto, estou dizendo que não vejo nenhuma obrigatoriedade para a formação de psicanalistas, que, para mim, é uma ode à liberdade, mas que formação médica, maternidade, paternidade e experimentar (não apenas sentir) guerra ajudam.

Meu Pai “amava psicanálise”, pelo menos segundo todos os seus amigos que conheci, como minha mãe, eu mesmo, meus dois irmãos e muitos médicos como Cicero Cristiano de Souza, Gil Soares Bairão, José de Barros Magaldi, Josef Feher, Isaac Mielnik, Daher Cutait e, principalmente, Cleo Lichtenstein Luz, Mauricio Levy (parente do patrono da escola que estudei, que aceitava que se falasse “Levi”), Roberto Azevedo, Otávio Luiz de Barros Salles, Elza Barra, Breno Yulo Ribeiro, Virginia Bicudo, Laertes Ferrão, Eugênio Mariz de Oliveira Netto, Mario Yahn, Gecel e Fajga Sztterling, Bernardo Blay, Paulo Gonzaga de Arruda, Isaias Melsohn, Chaim Hamer, Orestes Forlenza, Guita Guinsburg, Regina Schnaiderman – que, segundo ela mesma me revelou, motivou-se a mudar de profissão (era professora de química) para praticar esta atividade em função de seu contato com meu Pai. Outros colegas que o respeitavam – como Paulo Vaz de Arruda, Waldemar Cardoso, Darcy Uchoa e Frank Philips – achavam que tal amor era excessivo, comentário que até hoje não alcanço.

Pode ser apenas mais uma de minhas incontáveis limitações, mas ainda não consigo quantificar “amor”; como verdade, ou existe, ou não existe. Há coisas na vida que admitem gradações e tonalidades; outras, não.

Ainda hoje, posso ouvir, por leitura, suas dúvidas, concordâncias, discordâncias, hipóteses, conclusões e *heureka*s, na letra desenhada que nunca pareceu letra de médico, com tinta lilás que não existe mais, escrita com caneta Parker 61. Estão gravadas em anotações à margem de uma enorme biblioteca que acabou não cabendo mais no meu consultório, nem em minha casa. Parte dela, por doação que reconheço ambivalente, forçada por necessidade, pode ser consultada nas bibliotecas da SBPSP e de Ribeirão Preto.

## **MENINO**

### ***nunca fui pioneiro em nada***

A criança e adolescente que fui conheceu, mais ou menos superficialmente, quase todos os fundadores da SBPSP - à exceção de um. Eu não fazia a menor ideia do que era psicanálise, mas meu Pai dizia “dever muito” a um Dr. Schломann, seu primeiro analista. De 20 a 30 anos depois, conheci esses fundadores de um modo mais ou menos abrangente e profundo. Principalmente dois deles, por ter me submetido a supervisões e contatos prolongados: Virgínia Bicudo e Frank Julian Philips.

Ter entrado em uma faculdade de medicina incentivou esse tipo de ideia de fundo delirante, eivada de desejo e prazer – que todo mundo “se ajudava”. Como entre as minhas várias características, que hoje vejo como defeitos, mas que, naquela época, achei que eram sinais de prudência, existe aquela que já assinalei, de nunca ter sido pioneiro em nada. Fui fazer alguma coisa parecida com aquela que achei que meu Pai fazia, também devido ao amor que ele parecia ter por mim e eu por ele. Fez parte de minha formação o fato de minha mãe tocar piano de ouvido: até hoje, penso que ouço os tangos e músicas russas e chorinhos brasileiros que faziam a delícia de meu Pai. Fez parte de minha formação tentar jogar futebol e basquete, e tenho certeza de que sempre fui o pior dentre os menininhos, mas fiz uma certa carreira como catador de bola. Um dia, consegui marcar um gol. Fiquei extremamente feliz, paralisado pelo impacto, durante talvez uns 10 segundos, quando tive que correr feito um doido para fora do “campinho”. Todo mundo, menos eu, já tinha descoberto que era um gol contra meu próprio time. Graças a meu Pai e meu primo mais velho, Ronaldo, aprendi a andar de bicicleta, o que quase me redimi dos fracassos com esportes com bola. Aos 11 anos, descobriu-se que eu tinha sérios problemas de vista: ambliopia, astigmatismo e hipermetropia (o único caso onde fui hiper em alguma coisa). A coisa que mais queria era voltar a jogar futebol. Readmitido no time, acabei levando uma bolada que estilhaçou meus primeiros óculos. Sempre sortudo depois de um azar, não atingiu a vista. Depois, descobri que tinha pé chato e patela alta, causando sérios problemas no joelho e na marcha.

## **PROFISSÃO REPÓRTER**

### ***o contato com a mentira me fez fugir espavorido do ambiente***

Fez parte de minha formação tentar ganhar um dinheirinho um tanto precocemente, com 13 anos, dando aulas para criancinhas, amigos de meu irmão menor, e uns poucos colegas de classe, daquilo que eu não conhecia direito, como aritmética, geografia e hebraico. Um desses colegas, Laerte, indicou-me para posar para uma reportagem, no Instituto Biológico, quase em frente de minha casa, onde um repórter iria entrevistar um biólogo especializado em formigas.

Adorava biologia e fiquei interessado no formigueiro artificial montado no instituto. Enquanto isso, o repórter desentendeu-se com o entrevistado. O fotógrafo aconselhou-o: “Olha, dá a reportagem pra este menino, que estava prestando atenção no professor Autuori”. Por mera coincidência ou sorte, acabei entrando para trabalhar em um grande jornal paulistano. Lenita Miranda de Figueiredo e os biólogos-médicos José Reis (então diretor de redação do jornal e diretor do Instituto Biológico), Isaias Raw e Maria Julieta Ormastroni organizavam um suplemento infanto-juvenil como apêndice de outra instituição, o IBECC. Leram meu texto sobre formigas e resolveram aceitar um “repórter-mirim”. Foi aí que comecei a aprender inglês – lendo a Encyclopedia Britannica.

Portanto, fez parte de minha formação o fato de ter trabalhado por seis anos em um jornal de grande circulação, a *Folha de São Paulo*, fazendo colunas semanais sobre assuntos usualmente considerados abstrusos pela intelligentsia. Entrei em 1963, escrevendo sobre a vida das formigas. Passei por filatelia, coisa que treinou minha paciência, pois não era nada que realmente me interessava, e me deu noções de história. Desemboquei na paixão infantil que permanece, conhecida hoje como história de tecnologias e das corporações que a fabricam; mais especificamente, de uma geringonça chamada “automóvel”; outro nome impreciso, por pretensão, já que esses dispositivos ou instrumentos nunca são, realmente, auto-móveis. Talvez nada seja, mas a única entidade que se aproxima disso é aquela que é viva – ainda que dependa do ambiente, da força de atrito. De qualquer modo, achei que jornalismo era um excelente modo de “ajudar pessoas”, por compartilhar informação e educação.

Um fotógrafo e dois jornalistas acharam que eu tinha jeito para a coisa: tentaram que tentaram me ensinar como se “fabricava notícia”. Fugi espavorido daquilo que dava um bom dinheirinho para o dia-a-dia de um adolescente de classe média. Aflito porque os bem-intencionados professores estavam me ensinando a mentir, achei melhor me dedicar apenas ao estudo da medicina. Estava no segundo ano, envolvido na mentira institucional propagandeada como “revolução redentora do 31 de março”, que havia se dado no dia 1º de abril. Se houvesse um coração ou um fígado recoberto por algumas camadas de epiderme e gordura e fâscias e coisas assim, ou caso o sangue jorrasse por um corte, ninguém iria dizer que se tratavam de outras coisas. Não se tratava de fabricar mentiras. Nem de “leituras individuais” do que havia, ao bel prazer da psicopatia ou de outros desejos, inclusive comerciais, do praticante.

Seis anos depois, em 1968, outros repórteres tomaram-se de cuidados por mim. Achavam que eu dava para a coisa; um deles era dos *Diários Associados*. Tentaram me ensinar como se “fabricava notícia”. O contato com a mentira me fez fugir espavorido do ambiente. Meu refúgio, em 1969, foi o segundo ano na escola médica. Afinal, se descobríamos um fígado ou hepatócitos, ou um sarcoma, não havia nenhuma possibilidade de dizer que aquilo era outra coisa que não um fígado, hepatócitos ou um sarcoma. Concepções e conceitos eram baseados na realidade, não na mera visão

pessoal do investigador, por mais maravilhosas que lhe parecessem suas próprias ideias. Lembro-me do pai de um colega de ginásio, jornalista razoavelmente famoso, um daqueles que tentou me ensinar a fabricar notícias, que me questionou: “Pode-se beber álcool quando se toma antibiótico?”. O segundanista de medicina, ainda com um rei na barriga, foi peremptório: “Não”. E ele, resignado, mas dando de ombros: “Nunca mais tomo antibiótico”

## **FORMAÇÃO ANALÍTICA**

***nessa época, estava muito sob efeito da ideia de jerico de que todo mundo ajudava todo mundo***

Tenho certeza de que a pergunta também inclui alguma informação sobre minhas análises. O primeiro profissional que procurei, aos 21 anos – já praticava ilegalmente a atividade médica, pois não era formado – ostentava o título de psicanalista. Quando soube – e soube logo – de minhas sérias limitações financeiras, indicou que eu poderia fazer psicodrama, com ele mesmo. Isso incitou algum interesse em trabalhar com grupos, mesmo que a experiência tenha tido valor terapêutico que poderia ser medido em zero grau Kelvin. No entanto, achei que havia valor diagnóstico naquele método.

O que me motivou a procurar uma análise? Dificuldades na vida, uai – estava pensando em me casar. Aos 24 anos, residente em psiquiatria, minha amada concebeu nossa filha, Daniela, algo que me impulsionou com velocidade supersônica a uma análise.

O primeiro que procurei era amigo de meu Pai. Famoso por sua inteligência e erudição, praticamente me expulsou de seu consultório, ao saber de minhas limitações financeiras. Fui perguntar a meu Pai o nome de alguém. Nem pestanejou: “Deocleciano Alves. Acho que ele é o analista mais criativo da sociedade”. Com quem me submeti, anos depois, a uma “segunda análise”. Entre essas duas, tive contato, em termos de “análise didática”, com Dr<sup>a</sup>. Judith Seixas de Carvalho Andreucci, como ela gostava de ser chamada! Outra vez, indicação de meu Pai, que novamente não pestanejou: “Acho que ela pode te ajudar. Na minha opinião, é a pessoa que lida melhor com psicóticos na sociedade”.

Era uma época meio diferente... Deocleciano relatou, publicamente, que, ao se encaminhar para formação analítica, fora entrevistado por Elza Barra – acompanhei-a em seu leito de morte, por câncer, no Hospital do Servidor Público. Encarregada de realizar os testes de Rorschach nos candidatos, disse a Deocleciano que ele apresentava muitos sinais de psicose, mas que isso sempre acontecia com candidatos e, como logo iria fazer uma psicanálise, isso não seria problema, era até uma vantagem! Analistas daquela época eram bem considerados caso pudessem examinar seus aspectos ligados à posição esquizoparanóide.

Era a época em que as contribuições de Klein estavam completando seu processo de introdução. Meu Pai havia acabado de terminar sua tradução do *Origens da Transferência*, Virgínia Bicudo voltara há uns 7 anos de sua formação na Inglaterra, Lygia Amaral falava sobre observação de bebês, Frank Philips estava se reinstalando em São Paulo, e o ambiente era muito animado, fascinado com Klein, Bion e Winnicott. Dr<sup>a</sup>. Judith ajudou-me a complementar minhas ideias confusas sobre amor e ódio, que, para mim, eram imiscíveis, e devo a ela a percepção de que ninguém conhece e ama mais uma criança do que a mãe, e a de que o sacrifício do desejo é condição de maturação. Ela conseguiu mostrar-me a ilusão que eu tinha sobre aspectos fundamentais de minha própria pessoa.

Impossível dissociar a paternidade de minha formação, muito ajudada por Daniela e Luiz, que nasceu em 1976.

Nessa época, estava muito sob efeito da ideia “de jerico”, como dizia Nalva, uma empregada nordestina de quem me afeiçoei quando pequeno, de que tudo mundo ajudava todo mundo. Quando andei lendo sobre estas coisas de transferência, na época em que me submeti à primeira análise com Deocleciano, [elas] fizeram todo sentido para mim. Pensava que ajuda mútua, cordialidade e bem-querer eram coisas que todo mundo fazia e queria. Isso me impulsionou para trabalhos voluntários e para editar periódicos, além da fascinação por medicina e psicanálise, [duas áreas] que me pareciam bons modos de ajuda mútua. Nesta época, não dei ouvidos a meu Pai, que sempre me alertou: “de pensar muito, morreu um burro”. Esta época durou muito: hoje, acho que o sentido que percebi pertencia mais à área intelectual e ao consciente, ainda não era um verdadeiro insight.

## **SEQUESTRO**

### ***fiquei três dias em cativeiro até poder ‘negociar’ minha saída***

No entanto, durante esses anos, sofri um sem número de sequestros de muitos modos em função disso, até chegar a um sequestro abertamente criminoso, na época em que este atentado à vida virou moda e comércio no Brasil.

Fiquei três dias em cativeiro até poder “negociar” minha saída: não possuía a quantia que eles exigiam, mas, no final, por razões desconhecidas, aceitaram uma quantia – para mim enorme – quatro vezes menor, já que não conseguiram negociação útil a eles, com minha família. Um dos bilhetes foi recolhido por outra pessoa, antes que minha família chegasse ao local. Propus que entrássemos juntos no banco onde eu tinha conta e eles aceitaram. Por pura sorte, saí quase ileso; acabei não entregando a quantia combinada. Os criminosos levaram-me à agência, mas se recusaram a entrar comigo, “na hora H”. A esperteza deles poupou-os, além do meu dinheiro, de uma prisão: o banco estava pleno de policiais, graças a acordos entre a delegacia antissequestros e banqueiros. Espero ter aprendido a lição, mas ainda é cedo para ver se isso influenciou minha mal-acabada formação.

Acrescento que minha formação, acredito, tem sido extensamente influenciada pelo contato continuado com Antonio Sapienza, minha esposa Ester, Francesca Bion e, até quase seu falecimento, Odilon de Mello Franco. Infelizmente, não posso falar o nome de meus pacientes.

**Jornal Associação Livre:** *Como foi sua aproximação com as ideias de Bion?*

**Paulo Cesar Sandler:** Foi a pior aproximação, em 1974, seguida da melhor aproximação, em 1981, onde pode-se ver que amor e ódio são duas faces diversas da mesma moeda. Estava iniciando minha primeira análise. Havia lido, uns anos antes, um livro de Michael Gold, *Judeus sem dinheiro*. Avisava sobre o perigo de erigir e seguir líderes messiânicos, a nocividade de qualquer idolatria política, sempre delirante. Contava as desventuras de judeus desesperados e, por isso, piedosos em New York, que importaram um falso rabino. Achei que os psicanalistas, quase todos amigos de meu Pai, estavam se comportando desse modo com um tal de Bion.

Onde ia este homem – Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo – iam quase todos os analistas da época. Meu Pai servia de intérprete simultâneo em algumas supervisões – como já havia feito com o Sr. Philips. Ele era um dos poucos analistas daqueles tempos que possuía domínio da língua inglesa. Recordo-me que apenas ele e Roberto Azevedo eram proprietários da *Standard Editions*, ainda incompletamente editada.

Lembro-me da reação de Deocleciano com meu comentário cri-crítico (vindos de um “cricri” – os da época recordam-se desta gíria) de quem não tinha nenhuma prática nesta experiência – estava mal começando minha análise com ele. Em Brasília, Papai foi hospedado por Luciano e Terezinha Lírio. Houve um momento em que questioneei minha analogia: meu Pai voltou munido de dois livros de Bion, assinados pelo próprio autor.

Encafifado e apressado, perguntei: “Ué, você está com os livros dele?”. “Não, meu filho, fui comprar os livros e pedi-lhe um autógrafo, coisa que ele fez *ipsis litteris!* Você poderia me conseguir alguma noção de matemática, sobre a teoria das funções?”.

Papai sabia que eu estava me dedicando à estatística, como parte da minha dissertação de mestrado em medicina, ligada à psiquiatria comunitária. “Por que?”. “Meu filho, Bion está dando a maior contribuição para a psicanálise desde que Melanie Klein morreu. Uma contribuição científica. Ele está meio revoltado com esta coisa de interpretações sem sentido, aleatórias, tudo ao gosto do freguês. Preciso aprender alguma coisa sobre a teoria das funções, pois este livro dele fala sobre isso. Você pode me ajudar?”. Assim era meu Pai... ou seja, minha visão sobre idolatrias em relação a esse tal de Bion sofreu um estremecimento, e a análise com Deocleciano mostrou-me algumas características minhas – que achei péssimas – que estavam entrando na visão anterior.

Entrei no instituto em 1978 e achei melhor não ir às palestras de Bion: achava que se tratava de pós-graduação em psicanálise e que eu precisava começar com Freud. “Como ele já veio três vezes, na próxima eu vou!”. Estava enganado: havia muito Freud na obra de Bion; ele faleceu no ano seguinte – coincidentemente, um mês depois do falecimento de meu Pai, na Inglaterra. Os dois tiveram contato naquela época. Foi a primeira vez que percebi um engano que aparece na obra de Bion – a falácia da inferência. Em 1981, tive a sorte de escolher Felix Gimenez como monitor para a obra de Bion. As aulas de leitura atenta dele – muito parecido com as aulas de Virgínia Bicudo – sobre *Second Thoughts* causaram-me o seguinte sentimento:

“Nossa, por que eu não li isto aqui antes de atender psicóticos?”

Eu tinha razoável experiência de atender pessoas assim, qualificadas – trabalhava há onze anos no Instituto Aché, sob a direção de Mario Yahn e Waldemar Cardoso, dois dos maiores, embora silenciosos, impulsionadores da SBPSP em seus primórdios.

**Jornal Associação Livre:** *Você então não chegou a conhecê-lo? Como tornou-se tradutor da obra de Bion?*

**Sandler:** Em dois anos, li tudo que Bion tinha escrito. Uma obra dele causou uma espécie de vórtice na minha mente, que prossegue até hoje: *Uma Memória do Futuro*. Descobri que os livros – eram três – não haviam sido objeto de tradução. O que mais me impressionava, e ainda impressiona, é a ajuda desses livros na clínica, no atendimento a pacientes.

Foi assim que resolvi traduzi-los, para meu próprio uso. Por respeito a colegas, fazia questão de não traduzir livros já traduzidos por outros, até 2002, quando Jayme Salomão demonstrou-me a necessidade de fazê-lo – ele mesmo, o primeiro tradutor de Bion no mundo! Convidei alguns colegas para fazerem o trabalho em conjunto. Todos recusaram. Procurei analistas estrangeiros que pensava serem experts em sua obra, como Hanna Segal, Betty Joseph, Meltzer (ainda guardo a correspondência que mantive com eles), cuja reação foi igualmente negativa. Apenas quatro me incentivaram: Virgínia Bicudo, José Longman, Cecil Rezze, e James Grotstein. Já tinha experiência como tradutor de artigos em psiquiatria social, pois trabalhava na Faculdade de Saúde Pública da USP. Procurei, então, Frank Philips, com o qual tinha excelente contato, que me desaconselhou de fazê-lo: “Você vai fazer um péssimo serviço. Os analistas precisam aprender inglês. Se você faz a tradução, ninguém vai aprender inglês!”. Questionei-o: “Mas o senhor participou de uma equipe de tradução, de um livro de Bion!”. Caracteristicamente, replicou: “Eu não devia ter feito isto.”

Procurei o British Council, pois a tradução mostrava-se difícil, e apelei para a pessoa para a qual Bion sempre dedicava suas obras, sua viúva, Francesca Bion. Ela e o British Council deram a ajuda que faltava: arranjei duas excelentes amigas e terminei a tradução.

Portanto, nunca conheci Bion. Posso dizer que conheço, com certa intimidade e indubitável amizade, sua esposa, suas filhas – uma delas, precocemente desaparecida – e seu filho, médico intensivista de renome. A influência e estímulo de Francesca Bion em minha formação é impossível de ser descrita, embora eu tenha tentado em todos os meus livros publicados no exterior.

**Jornal Associação Livre:** *Sentimos falta de tradução sua da obra de Bion “O aprender com a experiência”. Não houve interesse em traduzi-la?*

**Sandler:** Ah, houve sim! Tanto é que participei de uma equipe de dois que o traduziu. Já é uma equipe, não é? Diz-se que uma junta de três médicos tem cinco ou nove opiniões ao mesmo tempo. Acho que uma equipe de dois psicanalistas é receita para “n” opiniões. Ester Sandler é a cara metade desta equipe. A tradução está pronta há pelo menos seis anos. E há pelo menos quatro, na editora.

**Jornal Associação Livre:** *O seu dicionário de conceitos “The Language of Bion” (Karnac Books) tornou-se obra de referência mundial, traduzido para várias línguas. James Grotstein afirmou ser o livro de cabeceira dele. Teremos tradução para o português?*

**Sandler:** Não sei bem como estão as traduções e sequer se foram iniciadas. Sei que a Karnac foi procurada por algumas editoras e psicanalistas ligadas a elas – no Brasil, Espanha, França, Rússia, Israel e Japão, para aquisição de direitos de tradução. Em Israel, esbarrou-se no fato de que quase todos leem inglês. Também sei que cerca de 800 universidades norte-americanas compraram o livro para suas bibliotecas, que foi catalogado na National Library of Congress; e umas 600 na Europa e Ásia. Hoje, na segunda reimpressão, é certamente é meu livro mais vendido. Devo ao Carlos Gioelli a ideia inicial de fazê-lo. Cassio Rotemberg, consultando a Amazon, descobriu um exagero consumista da sociedade banalizada na qual vivemos: uma livraria está pedindo mais de 1.200 dólares por um exemplar de capa dura, da primeira edição.

**Jornal Associação Livre:** *Sobre sua nova obra lançada no Brasil pela Karnac Books – A clinical application of Bion’s concepts –, qual critério você utilizou para a escolha dos temas abordados nos três volumes?*

**Sandler:** Tentei escolher os conceitos onde havia maior dificuldade de apreensão e, conseqüentemente, de uso clínico – para mim, psicanálise é o atendimento a pessoas que sofrem por não poderem tornar-se elas mesmas. Vitimados por leituras individuais e tendências idealistas, cada um parece achar que Bion falava a coisa que mais apetece

a este “cada um”. Acabei concluindo que a escrita de Bion, totalmente compactada e condensada, muitas vezes apelando para construção de aforismos, e também para a experiência clínica do leitor, resultou em dificuldades. Francesca Bion – que me parece ser a pessoa que mais conhece a obra de seu marido – ilumina o assunto em seu prefácio para *Bion in New York and São Paulo*.

**Jornal Associação Livre:** *Qual sua relação com a editora Karnac Books, agora instalada no Brasil?*

**Sandler:** Talvez as melhores coisas que nos acontecem acontecem por acaso e inesperadamente. Pelo menos está é a técnica que Ester, mãe de meus filhos, utiliza quando viajamos... Creio que o bom relacionamento com Oliver Rathbone foi responsável pela procura de conselhos de minha parte, quando ele teve a ideia de se instalar no Brasil. O mercado europeu está estagnado... Ouvi tudo que eu tinha para dizer, consultou outras fontes e acabou formulando o convite para que eu, até então mero conselheiro, conduzisse o processo como Editor Assistente “at large”, à distância, como eles dizem. Um de seus planos é publicar autores brasileiros. Como uma editora sobrevive de lucros, pensou que a primeira obra que publicaria seria o *Dicionário*, pelas excelentes vendas, tanto aqui (em torno de 600 exemplares) como no exterior, onde está na segunda reimpressão.

**Jornal Associação Livre:** *O XXIV Congresso da Febrapsi debateu o Ser contemporâneo: medo e paixão. Bion chamou a atenção para a pessoa do analista. Medo e paixão do psicanalista podem obstruir a função precípua da psicanálise, a apreensão da realidade psíquica?*

**Sandler:** Bion usou uma metáfora onto e psicogenética, originada da herança de Darwin na obra de Freud, para observar, uma vez mais – pela negação onipotente que persiste dominando a mente, que medo, ou, na linguagem de Klein, angústia de aniquilamento, é fator básico na eda personalidade humana. Usou o termo “terror talâmico” para enfatizar seu caráter primitivo, básico, primordial. Pode-se dizer contemporâneo, pois faz parte da vida, e não há vida que não seja contemporânea; vida ocorre quando ela existe. Qualquer coisa extemporânea, como precocidade ou postergação, é ameaça à vida possível. Creio que não há nada de específico ou especial para o dito homem moderno em relação a medo, este nosso contemporâneo transcendental: Paradoxal bom conselheiro e mau guia, teu nome é Medo. Paixão é nome mais problemático, quando elevado a conceito; creio pertencer à psicologia acadêmica, interessada apenas no sistema consciente. Se o termo for utilizado para uma das dimensões da interpretação psicanalítica, como o fez Bion em *Elementos de Psicanálise*, começa a adquirir significado psicanalítico útil – por incluir o sistema inconsciente.

Vincular *medo e paixão* implica em algo já conhecido no movimento psicanalítico e na teoria psicanalítica, bem coberto por conceitos como os mecanismos oníricos, depois observados como mecanismos de defesa do ego – principalmente resistência,

repressão e regressão, assim como suas evoluções positivas. Não consigo perceber que haja algo além do que Freud observou em vários estudos, como *Totem and Taboo*, *The Future of an Illusion*, *Group Psychology and Ego Analysis*, *Civilization and its Discontents* e, mesmo nos inacabados, como *Moses and Monotheism*: ou seja, não consigo perceber que o ser humano tenha algum dia sentido menos medo ou tenha tido menos paixão, ou mais medo ou mais paixão, embora as manifestações, por liberdade ou libertinagem, sem dúvida variaram na história até hoje conhecida. Por exemplo, com a descoberta da paternidade e a relativa evolução de aspectos de tolerância à frustração de desejos. Como escreveu Bion em *A Memoir of the Future*, será que o ser humano evoluiu desde a época dos sáurios até a emergência de um Hitler? Acrescentaria, de um Stalin? Será que Malenkov ou Beria ou Himmler ou Bruno Betelheim ou Samuel Klein (antigo dono das Casas Bahia) ou Hannah Arendt ou Primo Levi ou Einstein ou Freud ou Oppenheimer sentiam mais medo, menos medo, ou medos iguais aos de um hominídeo primitivo cujo nome jamais saberemos, se é que já havia nomenclatura humana?

**Jornal Associação Livre:** *Nos limites do que pode ser a psicanálise contemporânea, corre-se risco de uma psicoterapia da psicanálise?*

**Sandler:** Sua pergunta me parece borrar limites que me têm sido úteis, quando mantidos. Psicanálise, herdeira daquilo que Kant descreveu como antropologia e do que difere de movimento psicanalítico. Psicanalistas húngaros continuaram praticando-a, apesar das proibições estatais, semelhantes ao que ocorreu na ditadura militar argentina. Sem dúvida, pressões advindas de entidades governamentais cobrando resultados ditos terapêuticos, indistinguíveis dos efeitos placebo, são melhor atendidas por laboratórios farmacêuticos e pelos representantes de uma situação que ficou imutável desde a época de Freud. Há muito mais dissidências que se apregoam “melhores”, mais “rápidas”, menos custosas desde que ele descobriu a psicanálise. O movimento psicanalítico, pertinente ao âmbito das imanências sociais e políticas, talvez precise apelar para a banalização na formação dos analistas e adotar promessas terapêuticas “incumpríveis”, já dominadas por várias práticas que se pretendem “psicoterápicas”, que apregoam adaptar o ser humano considerado desviante aos vários ambientes sociais, em termos econômicos e comerciais.

A psicanálise, como transcendência atinente à área da ciência, que visa a adaptar, pelo “tornar-se”, o seu humano a quem ele realmente é, conseguiu se desenvolver a partir de Freud. Para sobreviver, poderá se desenvolver novamente. No entanto, as últimas descobertas úteis, como antibiótico, sistemas (e vasos privados) sanitários, teorias da computação, composição musical, descobertas tecnológicas de engenharia, cirurgia, teorias científicas empíricas como evolução das espécies, da relatividade e dos quanta, genética, psicanálise, são produtos do Iluminismo, que se desenvolveu até o final do século XIX e início do século XX. De lá para cá, o ambiente social não foi mais tão propício. Nesse sentido, ainda estamos usufruindo do que se fez nesse intervalo

de tempo; estamos na época da nostalgia, onde tudo se copia, nada se cria. Creio que a maior ameaça ao surgimento de descobertas realmente novas, que ultrapassem a retórica, é a infestação da banalização. Há muito de muito, tudo de tudo.

**Jornal Associação Livre:** *Além de psicanálise e suas relações com filosofia, física, matemática e arte, estrelas do automobilismo como o Fusca e o Porsche também são temas de livros de sua autoria. Trata-se de uma paixão para você, como parece ser o caso da música?*

**Sandler:** Sim! Desde meus 4 anos de idade, pelo menos. Vocês bem sabem, há pessoas que “nunca crescem”, ao menos em alguns aspectos. A história desta descoberta tecnológica – motor à explosão movimentando geringonças de transporte terrestre, naval e aéreo – parece-me sintetizar história social, econômica e psicológica. Tentar descrever como isso se dá tem me fascinado; são histórias humanas.

Emúsica, para mim, equivale a oxigênio. Quando fui sequestrado, os sequestradores colocaram uma câmera e um alto-falante na cela sem janelas do cativo. Depois de um dia, repleto de música ruidosa de alguma FM, perguntei a eles se não poderiam colocar na Rádio Cultura. Comentaram: “Ah, o senhor gosta de música clássica, não é?” Eu os tratava de senhores e eles responderam na mesma moeda. Imediatamente, trocaram de emissora. O maior problema era que coincidiu com a época de eleições, na segunda vez em que Lula venceu. Foi a única vez em que reclamei de alguma coisa, tomando o cuidado para não reclamar de nada que os afetasse. Algum tempo depois – eu havia perdido a noção do tempo –, trocaram o rádio por um reproduzidor com um *pot-pourri* meio minguaado de três sinfonias de Beethoven: 4, 7, 8 e 9. Até hoje, fico pensando de onde retiraram o CD, já que a 4 e a 8 são pouco tocadas, relativamente a outras. Como tento trabalhar com pacientes, tentei não julgar os sequestradores. Julgamentos, fruto explosivo de desejo multiplicado com memória e entendimento, parecem-me nocivos.

**Jornal Associação Livre:** *Qual sua relação com Virgínia Bicudo e o grupo formado por ela em Brasília?*

**Sandler:** Virgínia Bicudo conheceu-me quando eu era pequeno. Adorava ser chamada de “Tia Virgínia” e, de vez em quando, ia lá em casa. Quando passou a ser supervisora de casos de meu Pai, era a vez dele ir à casa dela, aos sábados ou domingos pela manhã. Usualmente, levava-me junto. Virgínia estimulava tudo que percebia que me atraía e foi a única pessoa a viajar para a Europa que conheci naqueles tempos - e que meu Pai permitiu que me trouxesse alguma coisa: um carrinho de metal. Ela o convidou para lecionar na Santa Casa e para ajudá-la a formar a Revista Brasileira de Psicanálise, com José Nabantino Ramos e Luiz Galvão, e o Jornal de Psicanálise. Até hoje, tenho uma carteira e uma miniatura de um automóvel, presentes espontâneos dela, que é um modo especial de descobrir o interesse de um adolescente, sem fazer perguntas.

Virgínia recebeu-nos em Brasília, em congressos de psiquiatria. Aceitou ser minha segunda supervisora oficial. Sua seriedade teórica e experiência clínica eram notáveis, assim como alguns voos imaginativos em um terreno de hipóteses futurísticas onde o *zeitgeist* pseudocientífico do século XIX, fascinado com a eletricidade e a telepatia, se fizeram presentes. Meu interesse por correlacionar a física moderna (de Einstein e Planck) e a psicanálise se originou pelo contato com ela. Era amiga de meus pais e tentou me avisar que meu Pai “a idealizava muito”. Virgínia proporcionou-me ainda a primeira oportunidade de publicar um artigo em um periódico psicanalítico, *Alter*. Andei falando alguma coisa mais sobre o contato mais do que marcante que ela me proporcionou, em um exemplar de uma publicação que fiz quando dirigia o Departamento de Publicações da SBPSP, de 2000 a 2006, o número dois do *In Memoriam* – uma tentativa de substituir uma prática da SBPSP que havia sido extinta, de homenagear analistas falecidos com depoimentos dos que os conheceram.

Não posso dizer que tive alguma relação especial com o Grupo de Brasília, cuja fundação assisti à distância. Mas posso dizer que sempre tive enorme simpatia por pessoas desse grupo, geralmente correspondida: Luciano e Terezinha Lírio viraram personagem na casa de meus pais antes mesmo que eu os conhecesse; Ronaldo Mendes de Oliveira Castro adquiriu, para enorme surpresa minha, o primeiro exemplar do meu primeiro livro; Jansy e Humberto Haidt permitiram proximidade imediata em função de meu entusiasmo juvenil protraído; Carlos de Almeida Vieira permitiu a primeira aproximação científica às minhas tentativas de escrever; Stella Winge acompanhou-me nos tempos de psiquiatria comunitária; Jose Nepomuceno, Silvia Valladares, Regina Mota, Roberto e Thaís Jabur. Minhas contribuições foram aceitas, por convite, no *Alter*, anos após a saída de Virgínia. Se isso não for simpatia mútua, então não sei o que vem a ser...

Francesca Bion sempre me perguntava: “Como está Virgínia? Como está Ronaldo? Como está Pessanha”? Embora Pessanha não seja de Brasília, ela também associa a pessoa dele a esta capital...

**Jornal Associação Livre:** *Pode-se afirmar que há uma psicanálise antes e depois de Bion?*

**Sandler:** Só consigo conceber psicanálise depois de Freud. Graças à sua formação médica, ele deu corpo e encarnou uma tentativa dos gregos antigos, das Cabalas e outras heranças místicas hebraicas e cristãs, da Renascença tardia na Inglaterra e Alemanha, do Iluminismo e dos primórdios do movimento romântico, canalizando para pessoas, que sofriam uma atenção e um cuidado absolutamente individuais, as aquisições de conhecimento sobre mente e verdade. Bion, em função disso, afirmava, sem nenhuma boutade – como desconfiou Green –, que psicanálise já existia antes que surgisse um Freud que pudesse nomeá-la. Se alguém se interessar em ler o penúltimo capítulo de *Cogitações*, não terá dúvidas sobre a opinião de Bion a respeito disso. Creio

que se trata de idolatria achar que ele foi revolucionário. Penso que foi evolucionário. Acho que contribuiu, como Klein, Winnicott, Reik e Searles, para que a psicanálise se desenvolvesse, sendo hoje mais ela mesma.

**Jornal Associação Livre:** *A clínica bioniana permite abordar as “patologias” contemporâneas? Bion é contemporâneo?*

**Sandler:** Para a primeira pergunta, eu diria que não. Pois não observo que existam patologias contemporâneas. Isto me parece negação das aquisições tornadas possíveis pela psicanálise – só se contemporaneidade puder equivaler a retrocessos. Se ficarmos apenas no que os psiquiatras da época em que a psiquiatria conseguiu sistematizar um raciocínio diagnóstico sindrômico, sem ficar totalmente perdida com sintomas inumeráveis, chamavam de “patoplastia”, e levarmos em conta os pequenos avanços obtidos pela etnopsiquiatria e pela psiquiatria social, perceberemos que a aparência externa das patologias psiquiátricas modifica-se temporalmente, assim como o modo de lidar com elas. Como ocorreu com as infecções de doenças degenerativas! Diagnosticar uma histeria de conversão hoje em dia oferece problemas diversos daqueles oferecidos na época de Kretschmer, Charcot, Janet e Freud. Como toda histeria, ela é muito plástica! O que hoje alguns psiquiatras – um deles, expulso da Unicamp por desonestidade científica e financeira – andaram chamando de “síndrome do pânico” equivale, em minha experiência, às neuroses de ansiedade da psiquiatria hoje em desuso.

Penso que as aquisições da ciência pertencem ao âmbito transcendental. Uma vez adquiridas, permanecem, desafiando tempo, espaço, nacionalidades e qualquer *zeitgeist*. A teoria geométrica que espelha o que chamamos de “roda” permanece. A própria roda, seja representada por fórmula algébrica da área do círculo ( $A=\pi.r^2$ ), por pedras rolantes, por secção de troncos de árvore, por pneumáticos ou por rolamentos, permanece idêntica, como transcendência subjacente e “superjacente”, ao que chamamos “roda”. Representações, aparências externas, imanências, são culturalmente mutáveis e podem ser “contemporâneas”. Penso que a teoria do continente/contido e as teorias de observação psicanalítica, como a aplicação da teoria matemática de transformações e invariâncias, vieram para ficar. Como as pirâmides no Egito, a teoria da relatividade de Einstein, a teoria da evolução das espécies de Darwin, a teoria do triângulo edípico e dos quatro instintos básicos de Freud (epistemofílico, de horda, instintos de vida e instintos de morte), e a teoria de movimentos contínuos entre as posições, de Klein, e a teoria do objeto transicional, de Winnicott, vieram para ficar. Sem dúvida, serão sempre contemporâneas aos psicanalistas trabalhando com pacientes, enquanto houver psicanalistas trabalhando.

**Jornal Associação Livre:** *Qual a influência de Bion no Brasil? Existe uma psicanálise brasileira?*

**Sandler:** Não observo que exista uma “psicanálise brasileira”, mas penso que existe psicanálise feita em territórios que se convencionaram ser chamados de Brasil, inicialmente por acordo político entre Espanha e Portugal, há uns quinhentos anos. Um território parecido com outros, talvez meio diferente no tamanho mastodôntico, de população ligada por uma língua mais ou menos igual na aparência – como a Itália. Penso que as contribuições de Wilfred Bion, via Virgínia Bicudo e Frank Philips, com afluentes outros, de menor importância pedagógica, mas não menos importantes – veiculados por pessoas como Alcyon Baer Bahia, Bernardo Blay, Jayme Salomão, Luiz Alberto Py, Jose Américo Junqueira de Mattos, Laertes Ferrão, Waldemar Zusman, entre outros –, exerceram influência ímpar em alguns lugares, notadamente São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Ribeirão Preto.

Ciência e arte me parecem pertencer ao âmbito das transcendências: como o inconsciente, não descoberto, mas melhor descrito por Freud, são atemporais, “anespaciais”, desafiam “zeitgeisten”, por mais vienenses ou marioandradísticos que sejam. São eternas, enquanto duram, desde que descobertas, posto que são chama, com desculpas póstumas especiais a Vinícius de Moraes, o Poetinha Camarada do Toquinho e de nós todos, pela apropriação indébita.

Gostaria de agradecer a Cláudia Carneiro e ao Carlos de Almeida Vieira pela inestimável e bondosa oportunidade de poder pensar um pouco a respeito destas perguntas – para mim, penetrantes e, por isso, fertilizadoras.